

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO.

Editor—A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 2000 por trimestre, na typographia do *Póiz*, Largo de Palacio n. 17. —Pagamento adiantado.

NUMERO 18.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 18 DE MAIO DE 1873.

O Dr. Antonio Marques Rodrigues e Antonio Joaquim de Azevedo, o primeiro—de uma reputação consolidada e segura nas letras, sobre cujos lauros dormia, extinta a luz da razão;—o o segundo—conhecido apenas em um circulo limitado de amigos, onde eram, todavia, colhidas com apreço e louvadas com justiça as perfumosas flôres do seu bonito e modesto talento, acabam de desaparecer da face da terra, deixando—aquelle um sulco luminoso por onde passou, qual meteoro errante, este—uma lembrança viva do seu espirito e ambos um logar vago nas corações de seus innumerados amigos.

Ao Dr. Antonio Marques Rodrigues muito deve o Maranhão: são relevantes os serviços por elle prestados tão de coração á causa de instrucção publica.

Deve-se-lhe tambem a sublime idéa da manutenção, sem daviada registrada nos céus, onde foi alcançar o premio, para elle rogado por milhares de infelizes que, abençoando-o, levantavam á Deus os braços roseados pelas algemas do captivoiro.

Antonio Joaquim de Azevedo, quando

FOLHETA DO DOMINGO.

O Irmão e a irmã.

NOVELLA.

(E. Duméril).

Tradução de A. Britto.

(Continuação do n. 17.)

V

Natal não era um genio; mas, com os grandes poetas, elle tinha uma unica similitude.

A dôr consideravel chegou por sua vez a esses entes que se amavam tão profundamente.

Uma segunda vez o irmão tornou-se triste, e a irmã recuegou a assustar-se.

Que pois poderia esboçar a fronte do Natal, suspender o sorriso de seus labios e motivar grossas lagrimas em suas palpebras?

Quando estava alegre, contecia-se que elle procurava distrahir-se; se começava a cantarolar uma canção, não o cancelava.

Entretanto não era mais zeloso: o que tinha chamado um remorso não agitava mais sua alma,

lhe consentiam os seus continuos afans da vida commercial, a cujo materialismo creio que levava alguma repugnancia em entregar-se, escrevia bons versos, na mór parte satyricos, que eram procurados com avidéz e lidos com interesse pelos seus amigos.

Approvamos a idéa de collocar no *Lyceu*, cuja *repartição* dirigiu, e na qual occupou por muito tempo uma cadeira de lente, a de *historia*, ensino que ministrou com muito aproveitamento, o busto daquelle infatigavel e illustre obreiro do progresso.

Quanto ao nosso desditoso amigo Antonio Joaquim de Azevedo, não sera elle, não obstante a obscuridade do seu merito, que não exige uma *Estatura*, esquecido por seus muitos amigos.

As suas excellentes qualidades serão sempre lembradas com saudade.

Seria o devido premio á memoria daquelle que sem paes, nem protectores, cultivou e aperfeiçoou um honrado talento, publicar-lhe os escriptos, que por modestia guardava.

E' justo apparecer brevemente um livro intitulado—*POESIAS POSTUMAS DE ANTONIO JOAQUIM DE AZEVEDO*.

porquanto Germana era feliz, e sua pacifica felicidade nunca havia sido perturbada por alguma calamidade.

Uma tarde que elle escrevia, arremessou de repente sua pena para longe de si, com um gesto doloroso; depois reclinou em soluços.

—Natal! Natal! que tens? gritou Germana precipitando-se sobre seu irmão.

Com a cabeça sobre o peito e chorando sempre, elle recusou de a responder.

—Natal oh! sim, em te supplico—falla-me! dizia ella.

—Espera, olha, balbuciou elle enfim, com amargor, apresentando-lhe o papel que se achava sobre a meza.

Germana o tomou com ansiedade, porem nada viu, nada, senão caracteres informes que não podia comprehender.

—Então? disse elle lentamente.

—Então! meu irmão... eu não sei... não comprehendo; o que queres que me explique este papel?

—Ah! minha pobre irmã—em vão tenho procurado te occultar até hoje—eu não vejo mais,

NOTÍCIAS DA PACOTILHA.

Esteve brilhante o concerto que teve logar quinta-feira, nos honitos salões da Limitada. A natureza, muitas vezes ingrata, poupou-nos o transtorno das aguas fluvias e deu-nos uma noite de rosas.

As exmas senhoras, que se prestaram a tomar parte no concerto do Sr. Scolari, por quem foram brindadas amias com dous formosos ramilhetes, estiveram acimas de todo elogio, e nem era de esperar um exito mediocre daquelles tão primorosos talentos femininos.

O Sr. Scolari canta com muita expressão e tem uma excellente voz: satisfez a expectativa dos circumstantes.

No romance de *Don Carlo*, que d'antemão havia em recommendado aos leitores, como no *Canto do Aventareiro*, do *Guarany*, de Carlos Gomes, esteve irreprehensivel e conquistou merecidos e estrepitosos applausos.

Não gostei tanto do duetto dos *Peritamos*, cantado pelos dous baixos (cada qual mais alto), elle e o Sr. Belli. Este Sr. estava deluxado, mas não desvanceu por isso a reputação que o acompanhia de bom cantor.

Germana, estou cego! Comprehendes tu? cego!

Elle saltou no grito, e sem fallar, o chiegio em seus braços, e com elle chorou.

Muito tempo, muito tempo elles choraram conservando-se abraçados; mas em primeiro logar foi Germana que recebeu coragem, e, abraçada com carinho e piedade os infelizes olhos meio mortos de seu irmão.

—Não nos desesperemos, disse ella; anda, toda a esperança não está perdida. Vamas consultar os melhores occultistas.

—Eu o tenho feito, responder Natal tristemente, e pouca esperança tenho, não é mais que uma catarata; mas, tenho visto tão poucas d'estas operações serem hega succedidas!

—Para nós, o bom Deus fará um milagre, tenho disso certeza, disse ella, dando ainda um pouco de confiança ao pobre afficto: eu tanto lhe pedirei que Elle te fará bom, meu irmão.

—Oh! Germana, ser cego! que fiz eu para merecer um tal castigo?...

—Não murmures, lhe diz ella, ponda as mãos-nhos em seus labios, não murmures; é uma experiencia... nós a soffremos, mas é que ella sera

Os Srs. Joaquim Zeferino e Guignard, mais uma prova deram de sua maestria.

O jovem Leonardo Baiol extasiou-me: as variações concertantes da opera *Guido e Genevra*, acompanhadas ao piano por uma das exmas senhoras, não podia ser melhor executada.

A sociedade era brilhante e escolhida.

A unica coisa que não me agradou foi a palestra, em voz alta, de dous dilettantis, que achavam-na asada nas occasiões em que o sentimento dos instrumentos mais expressivo e brando se tornava.

—Não sei onde tinha a cabeça o meu collega *Elog*, o *heróe* quando na sua chronica de domingo passado disse o que disse sobre o relatorio da commissão da festa popular do trabalho. Chamou, antes que o chamassem. Sempre ha cada uma!

—Abriu-se hontem a Assembléa Legislativa Provincial: falla-se de grandes reformas, grandes melhoramentos, grandes projectos, enfim falla-se do que se costuma fallar sempre que se abre a Assembléa Legislativa Provincial.

—Houve domingo, hoje e haverá todos os domingos de manhã sete *bonis* extraordinarios para o Catim e à tarde quatro *ditos ditos* para os Remedios.

—Abriu-se hontem a Assembléa Legislativa Provincial: falla-se de grandes reformas, grandes melhoramentos, grandes projectos, enfim falla-se do que se costuma fallar sempre que se abre a Assembléa Legislativa Provincial.

Uma gloriosa e immediata realisação aos seus nobres desejos, é tudo quanto lhe posso desejar, e quanto de coração lhe desejo.

passageira. Depois que estivermos curvados humildemente sob a mão Toda Poderosa, levantar-nos-bemos, e seremos benditos! Seremos muito felizes... tu bem sabes que Elle n'este mundo, faz soffrer para depois dar os eternos prazeres.

Assim ella animava com caricias e ternas palavras a alma succumbida de seu irmão.

Porem, a experiencia durou mais de que ella supponha: Natal devia esperar muito tempo para que sua carriera se tornasse assaz grossa e pudesse ser operada, e não podendo continuar a servir no seu emprego, deram-lhe a sua demissão, quando não tinha ainda os annos de aposentadoria!

Foi um golpe bastante doloroso, e que Germana não podia arrolar.

—Que vamos á ser?... dizia Natal com desespero.

—Continuaremos a viver como no passado: seremos um pouco menos ricos, é bem verdade, mas nossa economia nos ajudará, e o meu trabalho, que eu proseguirei com ardor, nos bastará certamente.

Assim, responde Natal, com amargura—viveréi do teu trabalho!

Offerecida á esse Sr., acharão os leitores na competente secção deste jornal a traducção de uma magnifica poesia, do antigo e prestavel collaborador do *Domingo*, *Anna Bratta*, que havia por algum tempo abandonado esta sua casa; mas o transfuga felizmente voltou, qual outro filho prodigo.

Seja bem vindo: não fallo do *Beatrindo* torto.)

—Si o espirituoso autor do *Meu coixin* *Raymond* vivesse ainda, e entre nós, aproveitaria de certo o seguinte episodio para um dos seus muitos e populares romances. O caso deu-se ha poucos dias, na capella do Senhor Bom Jesus dos Passos, por occasião de um casamento. Desejando agradar sobre-modo o noivo, seu segundo me consta, compadre, amigo e quasi parente, o inextinguivel Mendonça, vulgo *coixin*, throno de ligeireza; espelho dos empregados; simbolo da actividade; sacristão daquella capella; cobrador da irmandade dos Passos; adjunctor de missas; cobrador da *Limítima*; servente da Relação; fabricador de flores artificiaes; fazedor de bilros; picador de poeifeiro; porteiro do... *balde*, e encarregado de pôr disticos em catacumbas, cujos serviços dispenso-lhe da melhor vontade; o enovelado coixin, dizia eu, lembrou-se que nos tempos idos esbregou muitas vezes nas cordas de uma rabeca velha um velho arca; lembrou-se, sem davida, das melódicas variações da *Maria Cochava* e da *Geata, que veio da Bahía*, que saham do magico instrumento de Orpheu, e, levado por essas recordações do seu talento es-

—E si mais mundo houvéra, li chegara!
Com. Lus.

—É como eu tenho vivido? perguntou elle momentaneamente por te dever alguma coisa? Não tenho accitado tudo de ti? Ingrato! que nada mais se lembra!

Ella chorava.

—Quando apenas era uma crianga, continuou, não podia comprehender a tua admiravel abnegação, meu Natal; porem com os annos, tenho tudo adichinhado: tens sido para mim um pae e mais affectuoso e o mais dedicado, e não queres que eu seja tua filha? Então, é á teu pesar que eu me tornarei a tua pequena Anigone? Ficaris honr, Natal, e se isso não acontecesse, tu te apoiarias em mim, e eu te ajudaria. Sim, o meu braço será forte. E envelhecendo, Natal, porque não mudarmos de papel? Eu, tua filha, te amarei como uma mãe, e leremos sido tudo um para o outro.

Mais calmo, posto que muito afflicto, Natal lhe respondeu.

—Meu anjo! não comprehendes: a minha maior desgraça será a de não te ver.

—Oh! a grande desgraça! repetiu ella quasi que alegremente.—Eu envelhecerei e tu me julgarás sempre moça; teréi cabellos brancos, e te pa-

tolleco, subiu, voou ao choro da capella como os anjos ao ceu, e, impellido por um impulso suave e desconhecido, na occasião em que a noiva, naquelle engano d'alma lodo e cego, que a fortuna não deixa durar muito, collocava a nivea miosinha sobre a do noivo, e este a delle sobre a della, elle, o coixin, o grande coixin, fazendo com um pé, de uma eterna encadernação de lan, moverem-se o folles, tocou... tocou... no organ como quem não toca rabeca ha vinte annos.

Espanto! pasmo! confusão!

Não são torrentes de melodias, não: eram valções de disparates; era o inferno!

Era Victor Hugo! era Castro Alves *musicais*!

Parte do convento do Carmo desmornou assombrado por essas melodias que moveram as pedras como o marido de Eurydice.

Felizmente durou pouco tempo o barbarismo, que deu assumpto á um *poes-trago* para a composiçáo da seguinte

RECITA.

Li vi *Mitico* ser guerin,
Cangalan ser conductor,
Napao trajando farda,
Bacurão procurador,
Giboi compositor;
Ja vi *Grão* andar de melho;
Tendo visto muito bicho
Que de homem os tons chor;
Não tinha visto, porém,
A tocar organ *Carioca*!...

O Domingos.

Um drama na rosa.

(A. COUSNET).

I

A ROSA.

A estrada atravessava a floresta; o sol,

rezerio sempre pretos; seréi uma boa velha, e tu me acharás sempre gentil, mostrando-te os meus engraçados dentes no sorriso quando os meus labios se fecharem com a morte.

Mas, elle sempre lamentava-se.

—Ser inutil! ser inutil!

—Não o tenho eu sido por tanto tempo? respondeu lhe Germana. Ah! Natal, é mais custoso aceitar do que dar. És um orgulhoso, meu pobre irmão; o meu coração sabe ainda melhor amar do que o teu.

—É verdade, disse lhe Natal: perdá-me, Germana.

E, cheio de arrependimento, conservou por muito tempo em seus labios a miosinha que ia torturar-se o seu unico soccorro.

Os dias pareciam compridos para o cego; mas para consolar-se elle tinha a poesia. Compunha versos, sem metro, que importava? Elle os dictava á Germana, recitavam-n'o um para outro, e o tempo se passava meos alegre, meos feliz que outr'ora, porem mais puro ainda. Mais desviados da terra, pensavam por mais tempo no céu!

(Continúa.)

um ardente sol de julho, flamejando no zenith, como que levantara o pó do caminho; a terra estava branca e calcinada, e as folhas dos grandes carvalhos se retorciam ao contacto desses raios ardentes como lamíνας de ferro em brasa.

O céu é todo azul; os ramos tombam immoveis. Nem uma nuvem, nem um sopro, nem um ruído, salvo o grito estridente das cigarras por entre o dessecado ervaçal.

Sobre uma roseira selvagem, à beira do caminho, pendia uma pequenina rosa: era a ultima que alli nascera.

Se visses como ella ostentava hontem suas brancas petalas levemente circumdadas por purpura orla! de seu delicado calix transbordavam os perfumes. A viçosa flor era feliz por viver e ter desabrochado em um lugar visitado pelo sol; porque, sentindo-se bella, tinha medo da sombra!

O! louca! louca! louca! tu procuravas o sol, e no entanto é elle quem te mata.

Tuas folhas macaradas e murchas, como as faces lisas de uma criança, ellas enrugadas e tremulas como as mãos de uma mulher decrepita.

Para viver, precisarias agora o que não podes alcançar, que é tandem o que a criação enfanguecida reclama em vão — agoa, uma só gotta d'agoa.

Mas o céu é todo azul e os ramos tombam immoveis. Nem uma nuvem, nem um sopro, nem um ruído, excepto o grito estridente das cigarras por entre o dessecado ervaçal.

II

O ESCARABEO.

—«Uma gotta d'agoa, disse a flor, uma gotta d'agoa restituira à minha corolla o seu avelludado matiz, ligando minhas petalas ás suas cadeias de esmeraldas, e eu vicejaria em novas expansões e poderia viver!»

«Eu sou muito joven e muito bella para morrer assim!»

«Oh! se eu tivesse, como a borboleta, azas para voar, iria até à fonte, alem, na volta da estrada.»

«Disseram-me que ha lá sombra e frescor! Que felicidade se eu pudesse ali mergulhar-me toda e sentir correr sobre mim a onda gelada!»

«Não; bastava que eu fosse apenas o verme disforme que se arrasta, porque assim eu me arrastaria até lá.»

«E eu tenho sede e morro; mas quero viver. Oh! uma gotta d'agoa! meu amor por uma gotta d'agoa!»

Um pequeno escarabeo negro que em um raminho de relva tristemente meditava, ouviu os queixumes da flor. Era um poeta aquelle escarabeo. Havia muito tempo que elle se apaixonara pela rosa, mas sem ousar dissel-o.

Elle era bella, elle hediondo; a ella o sol, a elle as trevas. Eis porque a amava do longe e vivia isolado e melancolico, occulto por entre as ervas; porque, sentindo-se feio, tinha medo da luz.

—«Não desesperes, dice elle á agonizante; talvez eu te possa dar uma gotta

d'agoa. Prometteste o teu amor a quem te salvasse... é muito para mim: eu não peço em troca senão um pequenino logar à sombra das tuas folhas, abrigo onde eu possa viver, contemplando-te, sem que me vejas.

—«Tudo prometto, dice a rosa; só tu pensas em mim, quando todos me abandonam.»

Tudo prometto, mas por piedade, meu escarabeosinho, depressa, corre depressa fonte.

Dice elle: os calores fizeram baixar as agoas da fonte a ponto de eu não poder chegar a ellas; nada posso por este lado... mas repara alem... à sombra do salgueiro não vês aquella moça que medita, tendo junto a si seu cantaro de barro?

Que meigo olhar! e como ella é linda! Suas faces são quasi tão escarlates como tuas petalas e os seus olhos mais negros que o meu collo.

—«Dequi a um instante vae passar a caçada real e essa criança dar-nos ha agoa, e ainda que seja uma gotta, essa será para ti.»

—«Porque motivo tens tal confiança? perguntou a rosa.»

—«Ha muito tempo que conheço a rapariga que vem sentar-se alli para ver passar o cortejo do rei. Entre os brilhantes cortejos que seguem o seu amo, ha um cavalleiro mais brilhante que todos e quando elle passa, sorri-lhe e quando elle lhe sorri, ella treme: é um estremecimento de alegria. Então, da sua balla que vacilla, escapa-se sempre um fio d'agoa.»

«Eis a caçada que se aproxima; ouço o som das trompas; espera.»

—«Oh! depressa, dice a rosa, depressa! eu tenho sede, morro e quero viver. Vae, terás todo o meu amor por uma gotta d'agoa.»

III

A CAÇADA REAL.

«Avante! avante.» Um nuvem de poeira, o retumbar do galope, o estalar dos chicotes!...

«Avante! avante!...»

Eis a comitiva do rei.

Os cães ladram, os cavallos refinham, os picadores clamam e no meio de tudo isto resoam estridulas as notas alegres das trompas.

Eis as matilhas offegantes, os conductores da vestes bordadas, os escudeiros agaloados, dos quaes as armas rebrilham ao sol.

Eis o rei.

E os cavalleiros se comprimem em derredor; e as damas que os seguem, umas corajosas conduzem com suas delicadas mãos os logosos corseis, outras indolentemente reclinam-se em suas ricas cadeças.

Dir-se-hia um perpassar vertiginoso de ouro e sedas, de plumas e de rendas!

E a moça da fonte que seguia com avido olhar o desfilar do festivo bando, empallideceu derepente ao devisar um

formoso fidalgo que cavalgava em um lindo corcel branco.

E dice o escarabeo á rosa:

—«E' elle, é elle, olha... A mão da criança tomou e sobre a relva reseguida ha uma gotta d'agoa que brillou.»

E o cavalleiro passou sem voltar a cabeça.

Inclinada à portinhola de um carro, com o olhar em chamas, elle conversava a meia voz com uma nobre dama que lhe sorria por detraz do lequo...

—«Avante! avante! e os caçadores fogem como um turbilhão.»

Conductores, damas e cavalleiros desaparecerem: a poeira fluctua lentamente pela estrada. Reina de novo o silencio e a solidão; no longe apenas resoam estridulas as notas alegres das trompas.

IV

A PERDA.

E a humida perda estremeia no solo. Mas quando o escarabeo quiz colhe-la, percebeu que era um lagrima; rescou.

V.

DESPERANÇA.

Triste e cabisbaixo veio elle contar a sua decepção á rosa.

—«Querido escarabeo, murmurou ella, só me resta morrer: agradeço-te a dedicação, vem para junto de mim; posto que sejas humilde e duentio, o meu ultimo flego será para ti; para ti será o meu ultimo perfume.»

E o escarabeo se agarrou ao coração da rosa.

E a rosa morreu.

Suas reseguidas petalas caíram uma a uma, formando como que um lençol que cobriu o escarabeo, e aonde este se dispoz a esperar a morte, sob os pobres restos do sua infeliz amante.

Quanto á rapariga estava pallida e fria como um cadaver: ja não chorava. De repente levantou-se desganhada e correu á sua casa. Ah! o delirio a sacudiu em seus braços de louco; dous dias depois morreu.

O desespero do amor a matára!

VI

O JUCA.

Passados tres dias, um gentil cavalleiro passava na floresta; uma mulher bella e moça reclinava-se amorosa em seu braço.

Conversavam, riam, cantavam, abraçavam-se e suas caricias eram doces e numerosas, como as caricias de dous noivos de vespera.

Quanto passaram junto do salgueiro, onde se sentára a pobre menina, perguntou a moça:

—«Porque estremeceste naquelle dia em que passaste por aqui?»

—«Que pergunta! pois não viste que o cavallo tropeçou?»

—«Hade dar-me uma rosa se quer que eu lhe perdoe a mentira.»

E o cavalleiro sorriu e dice:

—«As rosas são raras na estação presente; mas eu sei um lugar, onde, ainda existe uma.»

Aproximaram-se da roseira: o arbusto não tinha mais flores.

Despeitada, com a ponta do pé, a dama revolveu os restos fanados da rosa que jaziam por terra e descolriu o negro escarabeo.

— Oh! o horrivel animal! exclamou ella.

— Foi elle quem matou a rosa, dice o moço: Esta flor alimentava-o, elle dormiu em seu seio e em recompensa mordeu-lhe o coração; foi ingrato!

E esmagou o insecto debaixo do tacão de sua bota.

Depois afastaram-se rindo, abraçando-se e suas caricias eram doces e profundas como as caricias de dous noivos de vespera.

Finda aqui o drama da flor.

VII

EPILOGO.

É o leitor desculpará esta singella balada, ultimos vestigios de um tempo em que os escarabeos apaixonavam-se pelas rosas e as moças podiam morrer de amor.

Pedro e Camilla.

(Trad. de Alfred de Musset).

(vms 2, 17)

VII.

Si o tio Giraud não era elegante de corpo, ao menos sabia arranjar as cousas. Pouco lhe importava que sua roupa, sempre nova e muito larga, porque elle não tolerava incommodos, o embrulhasse como bem lhe parecesse, que suas meias felgadas amansassem encolhidas ou que a cabelleira lhe chegasse aos olhos; porém quando se tratava de satisfazer a outrem, elle procurava então o que havia de melhor e mais caro. Portanto n'aquella noite elle alugara para si e Camilla, em bom camarote descoberto, bem na frente, para que sua sobrinha fosse vista por todos.

Aos primeiros olhares que lançou para a sala do theatro, Camilla offuscou-se; o não podia deixar de assim ser: uma menina apenas com dezesseis annos, educada no campo, achando-se repentinamente transportada ao fôco do luxo, das artes e do prazer, quasi que devia erer que sonhava. Executáram um bailado: Camilla seguia com curiosidade as attitudes, os gestos e os passos dos actores; ella comprehendia que era um pantomima e procurava penetrar-lhe o sentido. A cada momento voltava-se para seu tio com ar estupefacto, como que consultando-o; elle porém comprehendia tanto como ella. Via pastores de meias de seda offercendo flores ás companheiras, amores dançando na corda, deuses em thronos de nuvens. As decorações, as luzes, sobretudo o lustre, cujas mil reflexos a encantavam, os effeitos das damas, os bordados, as plumas, toda esta pompa de um espectáculo desconhecido para ella, lançava-a em um doce extasis.

Em breve ella foi objecto de geral curiosidade; seu vestido era singelo, porém

do melhor gosto. Só, em camarote de primeira classe, ao lado de um homem tão pouco affectado como o tio Giraud, bella como um astro e fresca como uma rosa, com seus grandes olhos negros e seu olhar candido, devia necessariamente chamar a attenção. Os homens começaram a apontar a, as mulheres a observar-a; os marquezes aproximaram-se e os mais li-songeiros cumprimentos feitos em voz alta como então se usava, foram dirigidos a recém-chegada; infelizmente, só o tio Giraud acolhia estas homenagens, que saboreava com delicia.

Camilla, foi pouco á pouco retomando seu ar tranquillo, depois deixou-se apoderar de um sentimento de tristeza. Ella sentia quanto lhe era cruel estar isolada no meio daquelle multidão. Aquellas pessoas a conversarem pelos camarotes, aquelles musicos cujos instrumentos marcavão o passo dos actores, aquella vasta troca de pensamentos entre o theatro e a sala, tudo a fazia revoltar-se contra si mesma. Parecia-lhe que todos lhe dizião:—Nós fallamos e tu não fallas, nós ouvimos, rimos, cantamos, amamos, gosamos; tu não gosas, não ouves; só tu és aqui como uma estatua, o simulacro de um ente que nada mais faz do que assistir á vida.

Camilla cerrou os olhos para furtar-se á este espectáculo: lembrava-lhe aquella baite infantil onde dansaram todas as camareadas e só ella ficou junto de sua mãe.

Seu pensamento voltou á casa natal, á sua inteira infancia, longos soffrimentos e lagrimas secretas; á morte de sua mãe, finalmente ao luto que acabava de deixar e que resolveo retomar. Pois que estava condemnada para sempre, parecia-lhe que seria melhor não mais tentar soffrer menos. Ella sentio então, mais que nunca, que todo o esforço de sua parte para afastar a colera celeste era inutil. Dominada por estes pensamentos, não poude impedir algumas lagrimas que o tio Giraud, vendo-as correr procurava penetrar a causa, quando ella lhe fez signal que queria retirar-se. O bom homem, surpreso e inquieto, hesitava e não sabia o que fazer; Camilla levantou-se o mostrou-lhe a porta, para que lhe dêsse o mantefete. Neste momento, ella avistou embaixo, na galeria, um manco, de bom parecer, ricamente vestido, que tinha na mão um pedaço de lousa, sobre o qual traçava letras e figuras com um lapis branco. Depois mostrava a lousa a seu visinho, mais idoso que elle, este parecia comprehendê-lo tamhem e respondia-lhe promptamente do mesmo modo. Ao mesmo tempo, trocavão ambos, abrindo e fechando os dedos, certos signaes que parecia servir-lhes para melhor communicar suas idéas.

(Continua.)

Despacho sem replica.

—Pendurado de esperanças,
A tua pés venho, santinha,
O teu amor supplicar.—
•Ora, moço, deixe disso,

Não sou pé de caqueiro
Para em mim vir-se enfiar.

—Mas, oh! anjo, dou-te tudo,
Alma, vida, coração.
Queres tu? sim, bem? —coscorrida?
•Eu com isso nada tenho,
Tanto me dá que pendure-se,
Quer com calos, quer—com cordas.

S. Luiz, 19 de maio de 1873.

Miguel Marques.

A. M. de Lamartine,

SONHIE A SUA VIAGEM EM 1833.

(M. Bouchard.)

À ANTONIO FERREZ DE SOUZA.

Ao fresco vento que lhe inebria a véla
Partio par' essas regiões d'encanto,
Clamou soberba em que lhe luz a crella
E que sua alma ambicionava ha tanto.
—Brisa, só doce e de perfumes cheia!
Ondas, socorro; céo, sereno paz!
Torna-vos verdes, da Idmêa ó colcos;
Deus guie o santo peregrino em paz!

Sobre esta Grecia de terreno ardente
Lança, ó porta, um flamejar d'esperança.
Lá, cada pedra é uma lição d'história,
Lá, cada passo nova feliz lembrança.
Bem se conhece os que provêm d'Aléides
No velho Kete e ao marujo andaz:
Dos campos d'Argos aos Phocidios montes
Deus guie o santo peregrino em paz!

Deus te merevêra essa missão nos astros:
Vai, possa a vida de visões e galas
Lá onde o Arabe na Thelama esplande
Procura abrigo, ou de Luxor nas salas.
Vendo esses dous deo de granito e cobre
No saibio encollos, tu repetirás:
Senhor! souente o ser eterno é russo!
Deus guie o santo peregrino em paz!

Eidhuismo, que teus azas igneus,
Sacros transportes, col'ital delirio,
Da lyra o apêtelo inspirá sublime
Na Sion que viva o divinal martyrio.
Para esta vóva d'afflictivo rosto,
Echo celeste, já tens cantos das;
Jerusalém vai succindir a poeira,
Deus guie o santo peregrino em paz!

Veris não só essas ribeiras d'Asia,
Jrdias fluctuando em superficie lisa,
Onde tu só luz e poesia e flores
E a primavera torna eterna a brisa:
Mas a Stambul, de mil zomborios dona,
Per'la brilhante sob um sol teoz;
Meu peito segue-te onde quer que vões,
Deus guie o santo peregrino em paz!

Vai, teu cyano de cantor prophetic,
Vai d'outro mundo sob um céo ridente
Mollar tu'aza pe'espriar os vões
Lá nos perfumes do soberbo Oriente;
Vemta a harmonia; minha musa espera-a
Co' esta sentença que deixou jamaiz;
Deus que eu imploro ibençoad-te o genio;
Deus guie o santo peregrino em paz.

Maranhão, 3 de maio de 1873.

M. A. Lima Baratta.

Maranhão—Typ. do Paiz, imp. M. F. V. Pires.

Mutilado